## Ao meu eu futuro, talvez, meu futuro eu - encruzilhadas psicossociológicas escreviventes

por Victor Meirelles Artista Pesquisador IP UFRJ, Doutorando em Psicossociologia UFRJ <u>victormeirellesator.ufrj@gmail.com</u> IG: <u>@victormeirellesator</u>

## A encruzilhada de um futuro Eu, que passado se dialoga presente

Aos que sussurram gritos silenciosos no amanhecer violento das coisas, na evolução das incertezas, na busca de, no descaminho, se encontrar, e diante a seca represa se banhar do que viu, pelo que poderia ter visto, no soluçar da vida, que jamais será um viver. Inscrevo, descrevo, escrevo, reescrevo um corpo história que antes escravo escravizado, agora escrevo enraizado...

Para corresponder-me, remeto às águas que fluem nos córregos do tempo, por um rio viver em correspondência, confluência, a imensidão das águas que ocupam o ser oceano, a qual num rito de passagem se torna a mensagem, escrevivente, flecha lançada pelo arco Conceição Evaristo, na dobra do tempo exuzíaco, perante a filosofia de existir, resistir na existência, nesse origami da vida em busca do viver.

Como diz, disse, diria e tenha dito Krenak, o Ailton, em uma fala conversa que versou o futuro que talvez seja uma ficção no sentido, sentir do amanhã, que 'talvez' não chegue. Mas no resistir de um corpo a se aquilombar na memória e na certeza de um 'talvez' se movimenta pela natureza e quer dizer hoje a quem foi ontem: preservar o amanhã é nutrir o agora a se reverberar em uma linha que tece uma rede a nos balançar, ao circular inspiratório do passado, pelo fôlego presente, para expirar o amanhã no 'talvez', que veio por um quê, que adiará o desistir.

É para mim que escrevo, como em uma retórica de mim, do EU, mas um eu que vive, o nós em nós, que é a terra, a semente, natureza, a favela, a aldeia, o quilombo, o movimento, escola, o mundo, a galáxia.

Eis que trago o 'talvez' como pavimento da rua que venho a caminhar, nessa encruzilhada filosófica do diálogo comigo mesmo, pensando que nessas esquinas do EU possam atravessar o nós, e no que falo aqui 'talvez' transite no conhecer do outro.

Convoco para pensar o viver-fazer no tempo reflexivo do 'talvez' amanhã, Iroko, orixá Tempo. Sim, remeter-se a natureza e toda sabedoria e a ancestralidade, que nos encontra em um passado que flui em um viver de experiência e que 'talvez' se apresenta em tudo que se mostra no hoje a existir existente. Um fruto da conexão ancestral, árvore de forças da natureza cujas raízes nos ligam a terra e todos os encantos e elementos que nela habitam e na confluência nos fazem natureza, em si, no nós, frutificando a justa positividade, sabedoria, harmonia, paz e o vivo.

Nos poucos caracteres que me faltam e me fazem nesta carta, preso-me a provocação, a um nos provocar reflexivo, atenuar a distante sensação que nos faça ver ao olhos do corpo, sentir na existência. A certeza que se no 'talvez' o amanhã aconteça, será o espelho, um reflexo do que fizemos, fazemos no dia a dia.

Assim, nessa linha, me pego nos carreteis de saberes de Leda Maria Martins, Ailton Krenak, Nego Bispo (Antonio B. Santos), a costurar não uma conclusão, mas tecidos, falas, que me pegam e me cobrem a tempo. No tempo espiralar, cujo passado não é algo distante e morto, mas uma presença viva que influencia o presente e molda o futuro. A ancestralidade é uma força motriz, e a memória; é um rio que flui constantemente, conectando as gerações.

O passado não é um fardo, mas uma fonte de sabedoria e força.

Os ciclos da natureza, os rituais ancestrais e as práticas culturais são formas de vivenciar o tempo como algo que se repete e se renova.



Vida em ato Fotografia por Carlos Pereira, 2023